

Trabalhos Científicos

Título: Vulnerabilidade Social E Falha Na Saúde Pública: Epidemiologia Da Sífilis Congênita No Sul Do Brasil

Autores: SAMANTHA CORRÊA BATISTA DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC), JÚLIA CRISTINA DE SOUZA VALENTE (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF), LÍVIA MARIA OLIVEIRA FRANCO VIEIRA (CENTRO UNIVERSITÁRIO INTA - UNINTA), MILENA ROBERTA FREIRE DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO), KAROLAYNE SILVA SOUZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO)

Resumo: A sífilis congênita ocorre a partir da transmissão vertical da bactéria *Treponema Pallidum*, se relacionando com situações de vulnerabilidade social e aumento do risco de mortalidade fetal e infantil. Pode ocasionar surdez, cegueira e má formação. Descrever o perfil epidemiológico dos neonatos da região Sul do Brasil diagnosticados com sífilis congênita entre os anos de 2013 e 2023. Estudo ecológico, retrospectivo e transversal. Foram utilizados dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), do Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), referentes ao número de casos confirmados e de mortalidade da sífilis congênita na região Sul do Brasil entre os anos de 2013 e 2023. Foram incluídas variáveis de faixa etária, escolaridade e raça da mãe, bem como se houve tratamento do parceiro. No período analisado, foram registrados no Brasil 239.245 casos de Sífilis congênita, sendo 31.792 (13,4%) na Região Sul. O estado do Rio Grande do Sul (RS) liderou o número de casos confirmados na região Sul, com 18.275 (57,5%) notificações e registrou a maior taxa de mortalidade infantil (0,08) decorrente da doença, ficando acima da média nacional (0,07). Por outro lado, o estado de Santa Catarina registrou o menor número de casos confirmados, 5.600 (17,5%) e o menor número de óbitos 63, compartilhando com o Paraná a mesma taxa de mortalidade neonatal (0,03) e infantil (0,04). Tanto no Brasil quanto no Sul, a maioria desses recém-nascidos foram evoluídos como 'vivos' (209.289 no Brasil e 27.768 no Sul). Na literatura, a Sífilis congênita é relacionada com o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), sendo na região Sul, o Rio Grande do Sul o estado de maior IDHM (0,792), mas também o de maior mortalidade dentre os 3 estados, contradizendo o resultado esperado. Entretanto, outros marcadores de vulnerabilidade social como menor grau de instrução (70,2% não completaram o ensino médio), faixa etária mais jovem entre 10 e 29 (77,5%) e ser da raça parda/ preta (69,2%) se mostraram de acordo com a literatura, tendo a maior porcentagem no RS. É interessante ressaltar que na região, 26.660 (83,9%) mulheres que tiveram o diagnóstico de sífilis realizaram o pré-natal, mas apenas 17.223 (46,1%) tiveram os seus parceiros tratados, evidenciando um elevado risco de recontaminação, mesmo com a busca pelo tratamento e bem-estar do bebê. Dessa maneira, ficou evidente que a sífilis congênita é um importante indicador da vulnerabilidade social na região Sul. Conclui-se, deste modo, que com o intuito de reduzir a incidência da sífilis congênita, é necessária a implementação de medidas de políticas públicas que levem educação sexual e tratamento da doença à população socialmente vulnerável. Também mostra-se essencial levar maior treinamento aos profissionais executores de pré-natal, com protocolos de saúde pública mais efetivos no combate e redução da doença no país.